

O crime que (as)salta das páginas de jornal: a violência na paisagem nostálgica da cobertura turística brasileira do Diário de Notícias¹

Ivan Paganotti²

RESUMO

O trabalho analisa casos de violência contra turistas no Brasil, abordados na perspectiva estrangeira da cobertura do jornal português *Diário de Notícias*. Para isso, reflete-se sobre a repetição e reconstrução da identidade nacional brasileira (marcada pelas imagens paradisíacas e violentas relacionadas ao país) a partir de expectativas da nostalgia e sua frustração ante as alterações das paisagens e realidades sociais com o tempo – devido à irrupção de violentos desvios de conduta que não se encaixam na representação turística esperada.

Palavras-chave: comunicação; jornalismo; violência; nostalgia; turismo.

Introdução: narrativas midiáticas, contatos mediados e identidades construídas

Desde o princípio da história brasileira, os relatos escritos por estrangeiros foram um dos fatores preponderantes na construção da identidade nacional. As narrações dos viajantes (e, posteriormente, colonizadores) portugueses figuram entre os principais textos fundadores do imaginário sobre o Brasil para os olhos europeus (Caminha, 2002). Os primeiros traços da construção da identidade nacional brasileira foram pincelados por historiadores portugueses como Gândavo (2004), ou por autores que louvavam a colonização portuguesa como solução para o desenvolvimento da terra recém descoberta, como Varnhagen – portanto, a identidade brasileira estava atrelada, desde sua origem, às perspectivas e às expectativas estrangeiras (Reis, 2007).

Ainda que censurados no território português devido à importância de controlar a difusão de informações sobre a localização das terras descobertas e suas potenciais riquezas, esses relatos levaram notícias do novo continente para um público ávido por histórias fabulosas no resto da Europa (Hue, 2006: 21). Hue afirma que é possível até mesmo construir um paralelo entre alguns desses relatos de viagem – como as cartas jesuíticas publicadas na Espanha – e formas primordiais de jornalismo, pois seus autores atuavam como representantes de um público em busca de informação, ao mesmo tempo em que representavam regiões inacessíveis por meio de textos publicados com certa periodicidade e objetividade (*Idem, ibidem*: 27).

Atualmente, os meios de comunicação como a imprensa continuam a agir como mediadores de viagens imaginárias ao apresentar terras distantes ou próximas para públicos domésticos (Morley, 2001: 437). Dessa forma, as identidades nacionais são construídas com base nas “narrativas da nação”, discursos que constroem visões sobre traços de terras e povos e são contados e recontados “nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular” (Hall, 2001: 52). Com isso, a mídia se insere em lugar privilegiado entre os múltiplos mecanismos que influenciam as representações sobre identidades – um “processo de construção de significado

1 Resultados desta pesquisa foram apresentados no Grupo de Trabalho “Comunicação e Representações Identitárias” do IX Lusocom, realizado de 4 a 6 de agosto de 2011 em São Paulo.

2 Doutorando em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), com bolsa Capes, sob orientação da Profa. Dra. Mayra Rodrigues Gomes. É membro do Observatório de Comunicação, Liberdade de Expressão e Censura (Obcom-USP) e do grupo de estudos Midiato/ECA-USP. E-mail: ivanpaganotti@gmail.com

com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (Castells, 2008: 22).

A partir dessa definição de identidade, Castells propõe uma tricotomia entre os processos de formação e origem de identidades “legitimadoras”, “de resistência” e “de projeto”. O foco principal deste artigo são as identidades legitimadoras, introduzidas por instituições dominantes que buscam ampliar e racionalizar sua dominação em busca de maior legitimidade e aceitação social de seus discursos (Castells, 2008: 24). Mas não é possível esquecer que também a identidade nacional não deixa de ser uma “identidade de projeto”, pois buscava contrapor-se às imagens anteriormente difundidas e construir novas relações de poder – no caso particular brasileiro, isso fica claro na construção de teorias para explicar o caráter nacional em contraposição com as imagens produzidas pelos portugueses sobre os povos locais, colocando-os em funções subalternas (Reis, 2007). Da mesma forma, ambos os processos sofrem “resistência” de outros grupos que contestam seu posicionamento desvalorizado ou estigmatizado, “construindo, assim, trincheiras de resistência e sobrevivência com base em princípios diferentes dos que permeiam as instituições da sociedade, ou mesmo opostos” (Castells, 2008: 24).

A partir dos estudos sobre a relação cultural dos meios de comunicação – particularmente os veículos informativos jornalísticos (Chaparro, 2000) – é possível analisar os pontos de tensão narrativa na construção de representações entre uma ex-colônia (Brasil) e sua antiga metrópole (Portugal). Trata-se de uma situação peculiar na construção dos papéis nacionais dos brasileiros e portugueses, visto que, assim como no caso dos Estados Unidos e da Inglaterra, houve uma acentuada inversão da dominação – tanto econômica quanto cultural – alterando a relação de subordinação das antigas colônias para um atual refluxo de influência marcante em suas antigas potências colonizadoras, que agora passam a lidar com o desafio de se posicionar além da sombra dos gigantes que criaram.

Para isso, este artigo reflete sobre formas contemporâneas de contato mediado (textos sobre turismo), publicadas por um veículo comunicativo (o jornal português *Diário de Notícias*) que reconstroem, repetem e transformam identidades nacionais (imagens paradisíacas e violentas relacionadas ao Brasil). O foco desta pesquisa é avaliar como a irrupção de violentos desvios de conduta encaixa-se problematicamente sobre o pano de fundo dos cenários edênicos comumente atreladas ao turismo brasileiro, oscilando as tradicionais representações da recepção cordial com a tensão da animosidade devido à violência contra estrangeiros. A metodologia empregada foi a análise de discurso crítica (Fairclough, 1992), que avalia os estereótipos e imagens repetidos e transformados pelos textos. Ou seja, procura-se interpretar as mudanças e cristalizações de “representações sociais” – as construções cognitivas compartilhadas e difundidas socialmente, tomadas como estáveis e perenes retratos da realidade, mas que podem ser transformadas por novas narrativas que alterem ou neguem imagens anteriormente consideradas como sólidas e funcionais (Moscovici, 2007: 205).

Brasil: das visões do paraíso aos portões do inferno

O imaginário europeu trazido com os colonizadores representava inicialmente o Novo Mundo como um verdadeiro Paraíso Terrestre. Dificuldades da colonização eram vistas como desafios para os aventureiros que se lançavam aos mares ou penetravam nas terras desconhecidas – eram verdadeiros testes divinos para selecionar os que mereceriam adentrar o Éden redescoberto (Holanda, 2007). Nos anos 1940, as belezas e riquezas naturais passam a ser acompanhadas por traços da sociedade brasileira: a

propaganda na era Vargas difunde o carnaval, o samba, o futebol e o “malandro”, imagens aproveitadas e repetidas até hoje no cinema que foca o país (Amancio, 2000: 68). Apesar de a representação paradisíaca continuar dominante, principalmente nos meios cinematográficos, as notícias sobre o país começaram a mostrar uma realidade distante da tranquilidade celestial. Burke (2006) aponta que notícias infernais sobre a violência, a pobreza e a discriminação no país passam a construir uma nova imagem do Brasil, que não substitui, mas sim complementa e convive (não sem tensões) com o cenário anterior – e esse contraste entre imagens paradisíacas e infernais ao construir relatos sobre o Brasil é peculiarmente marcante nos relatos de correspondentes internacionais sobre o turismo no país. Nas páginas dos diários do mundo todo, os casos de violência contra turistas estrangeiros no Brasil recebem maior cobertura do que a violência “doméstica” entre brasileiros, pois esses casos afetam indivíduos mais próximos do seu público. Esse é o caso da cobertura realizada pelo jornal português *Diário de Notícias*. A pesquisa dos textos publicados por Sérgio Barreto Motta, correspondente internacional brasileiro do jornal no Rio de Janeiro, no banco de dados do site do diário (<http://www.dn.pt/pesquisa/default.aspx?Pesquisa=barreto+motta&numPag=13&sort=date>), é possível localizar, entre os 275 textos publicados pelo correspondente entre 2001 e 2011, 22 textos sobre turismo. Entre esses artigos, sete focam casos de violência contra turistas portugueses: “Turista português de 28 anos assassinado em Fortaleza” (3/11/2004); “Cresce a violência contra turistas no Rio” (21/11/2004); “Uma carta do Rio de Janeiro” (28/11/2004); “Dois turistas portugueses assaltados em Salvador” (4/12/2004); “Polícia cerca favelas do Rio de Janeiro” (30/12/2004); “Morte do jovem português reacende medo de sair à rua no Rio de Janeiro” (17/08/2006); “25 anos de cadeia para assassino de estudante” (4/10/2007). Essa considerável parcela de quase um terço da cobertura turística destinada a relatos sobre crimes contra visitantes no país mostra que a insegurança é um tema muito pertinente para a construção do imaginário turístico brasileiro (Paganotti, 2009: 61). Além disso, o grande foco dessas reportagens sobre violência envolve a mensuração de sua intensidade pela forma como os turistas são afetados. Assim, a violência local endêmica só ganha maior espaço no noticiário mundial quando, episodicamente, afeta indivíduos da mesma nacionalidade que o público dos diários internacionais.

Somente nos dois últimos meses de 2004, o correspondente do *Diário de Notícias* publicou três notas sobre crimes contra turistas: um texto sobre um português assaltado e morto em Fortaleza no dia 3 de novembro; um espanhol, baleado no Rio no dia 21 do mesmo mês; e um assalto a um ônibus com dois portugueses e cinco espanhóis em Salvador em dezembro. Além disso, no dia 26 de novembro o repórter também publicou uma matéria sobre os conflitos do exército contra o narcotráfico no Espírito Santo (“Exército brasileiro em guerra contra a droga”), ecoando a sensação de insegurança no país. Mas o mais representativo momento dessa cobertura sobre a violência contra turistas pode ser encontrado em um artigo sobre as mudanças na paisagem do Rio de Janeiro, intitulado “Uma carta do Rio de Janeiro”:

Desde meados do século passado, o Rio de Janeiro mantinha uma aura de cidade de diversões, amores, uma certa libertinagem, muito carnaval e um pouco de pecado. Era uma imagem romântica, que Hollywood fixou em filmes como *Flying to Rio* e consolidou na era de Carmen Miranda.

Depois, vieram os poetas da música, com destaque para a dupla Tom Jobim e Vinícius de Moraes, que ao lançar *Garota de Ipanema* propiciaram um novo salto na fama da cidade. Em seguida, as novelas da TV Globo – que invariavelmente mostram aspectos da cidade – ajudaram a consolidar a imagem do Rio de Janeiro como cidade bela e gente muito agradável. (Motta, 2004).

Vários dos ícones que representam a cultura brasileira estão condensados no parágrafo introdutório dessa “carta”: carnaval, Carmem Miranda, a beleza dos cenários tropicais e o povo gentil. Desde Caminha até os

filmes e músicas citados pelo jornalista, essas imagens são repetidas e recicladas infinitamente – e os jornais não se eximem de explorar esse cenário. A sua definição da “aura” carioca apresenta também tópicos frequentes na cobertura jornalística dos correspondentes internacionais sobre o Brasil: fonte de “diversões” turísticas e “amores” sensuais, equilibra doses de “libertinagem” (seja no sentido lascivo ou no sentido de corrupção moral), festividade carnavalesca e “um pouco de pecado”. Como já explicado anteriormente por Burke, o noticiário sobre o Brasil não consegue escapar à dicotomia entre “as imagens complementares, mas opostas, do Brasil como paraíso e do Brasil como inferno” (Burke, 2006: 12). O próprio correspondente Sérgio Barreto Motta, como a maioria da mídia internacional, não ignora esse lado pecaminoso e perverso do Brasil. Em entrevista para a realização desta pesquisa, o jornalista afirma que considera o Brasil “um país altamente contraditório”, com avanços tecnológicos, científicos e econômicos, mas também com uma miríade de problemas sociais como “favelas, um milhão de desempregados só na periferia de São Paulo... eles [os editores portugueses do Diário de Notícias] nem acreditam em certos textos que eu mando”³. Em sua “Carta do Rio de Janeiro”, Motta não foge do contraponto infernal às belezas das paisagens paradisíacas brasileiras logo na continuação do trecho supracitado:

Tudo isso é verdadeiro, mas, infelizmente, as coisas mudaram.

O Brasil não tem problemas de terrorismo ou de grandes antagonismos, nem mesmo guerras religiosas e brigas por fronteiras. Mas o país atravessa uma séria crise econômica. Entre os 180 milhões de brasileiros, o número de pobres varia, conforme a fonte, de 20 milhões a 43 milhões, o que é algo muito sério. É em meio à pobreza que cresce o banditismo, que hoje assola diversas cidades do Brasil.

Em São Paulo, centro econômico do país, há mais de 1,5 milhões de desempregados – e pode-se imaginar que, entre esses, alguns entram em desespero e são atraídos pelo lado podre da sociedade. (Motta, 2004).

Aqui o correspondente fecha o ciclo retroalimentador da “pobreza & crime” – uma interpretação recorrente na mídia que trata dos problemas brasileiros. O que diferencia os jornais é o mecanismo e a crítica. Enquanto alguns periódicos apresentam a desigualdade social ou a negligência do governo como a origem da violência, outros apontam que a criminalidade é inerente à (ou ao menos parte da) pobreza, pois é nela que “cresce o banditismo” dos que são “atraídos pelo lado podre da sociedade”. No parágrafo seguinte, o correspondente chega ao ponto principal de seu texto e a um dos seus temas recorrentes de maior interesse prático para seu público:

O Rio de Janeiro ainda é o local que mais atrai turistas, mas inúmeros têm sido os eventos desagradáveis. Um simples furto ocorre até na Suíça, mas o «arrastão», em que jovens delinquentes roubam pessoas na praia é inaceitável. A verdade é que a qualidade de vida na Cidade Maravilhosa degradou-se. Há dias, um turista espanhol foi morto porque reagiu a um assalto, cometido por um «pivete», um jovem delinquente. (...) Hotéis importantes, como Sheraton e Intercontinental, lamentam estar localizados próximos a favelas – onde, antes, havia convívio harmônico entre ricos e pobres. (Motta, 2004).

O “convívio harmônico entre ricos e pobres” – ao lado do mito da “democracia racial” – é uma das pré-concepções mais contestadas nos textos dos correspondentes internacionais sobre o Brasil (Paganotti, 2007b: 8). Se aqui a proximidade das favelas é criticada, textos de outros correspondentes insinuam que o verdadeiro problema é a distância entre os estratos sociais: como visto, a causa dos conflitos pode ser tanto a “pobreza”

³ “Eu acho que o Brasil é um país altamente contraditório. Nós temos a tecnologia da informação, estamos bem em gestão empresarial, nós temos coisas fantásticas, o nosso sistema de eleições. E por lado nós temos coisas incríveis, favelas, um milhão de desempregados só na periferia de São Paulo... eles nem acreditam em certos textos que eu mando. Mas eu acho o jornal isento. Ele dá tudo.” Entrevista de Sérgio Barreto Motta, correspondente do *Diário de Notícias* de Portugal, em 11/05/2007.

em si ou a “desigualdade social”, dependendo do alinhamento político do jornalista e do meio de veículo de comunicação que publica o texto. O contraste entre a carta de Motta fica evidente se comparado com o texto de outro correspondente, o inglês Gareth Chetwynd, do londrino *The Guardian*, que também usa uma missiva como formato de seu texto: mas dessa vez, não é só a carta que ganha o formato modernizado de um “e-mail”, mas também o enfoque na causa dos conflitos sociais brasileiros se inverte, privilegiando não a relação entre pobreza e crime, e sim a da desigualdade social e pobreza:

The residents of Leblon would be surprised by the bitterness Sergio [um segurança pobre da elite rica] feels about the social gap that he straddles every working day. ‘The currency of the rich in Brazil is indifference and humiliation. They wish you a good morning, but they pay to keep you and your service at a convenient distance,’ he says, complaining that he has never been offered so much as a glass of water by a resident. (Chetwynd, 2005)

Não só o alinhamento político que muda entre o correspondente inglês e o jornal português: também o foco é alternado entre um membro das classes desprivilegiadas (o segurança Sergio) e os templos do luxo turístico carioca. Essa distinção no alinhamento reflete também o foco narrativo: Motta conclui seu texto com um desabafo afetivo em rara primeira pessoa:

A sociedade divide-se. Alguns pedem a pena de morte e condenações mais fortes para os menores. Outros acham que a solução é social. Mas a verdade é que a qualidade de vida no meu querido Rio de Janeiro piorou muito. A beleza continua intacta, mas a insegurança cresceu muito. (Motta, 2004)

Assim como muitos outros correspondentes internacionais, os textos de Motta baseiam-se nos interesses temáticos e práticos de seu público no país-sede do jornal: são os interesses públicos portugueses que estão em foco, pois o *Diário de Notícias* volta-se a um público português. A partir da leitura dos textos do correspondente – e a “Carta...” acima é um exemplo muito representativo disso – é possível interpretar que há uma grande necessidade de informações sobre turismo em Portugal, mas não se tratam de guias e dicas de locais a para visita, frequentes na cobertura de outros correspondentes – o norte-americano Larry Rother, do *New York Times*, por exemplo, publicava guias com informações turísticas em mais de 60% de seus textos sobre viagem (Paganotti, 2009: 59). O tema central por trás dos textos de Motta publicados em Portugal é a violência brasileira, com o recorte específico dos ataques contra turistas.

A violência contra turistas, “caso que angustia a opinião pública”⁴, é um bom exemplo da desarmonia entre os assuntos prioritários para o jornal estrangeiro e a cobertura nacional. Esse distanciamento entre a pauta internacional e a local é evidente pelas especificidades da esfera da “opinião pública” a que o periódico dirige-se – evidentemente, a portuguesa. O objetivo do jornal não é simplesmente informar sobre a situação no Brasil para quem deseja visitá-lo, mas também aproximar a realidade distante do leitor por meio da descrição das desventuras de seus conterrâneos, estratégia que amplia o interesse de seu público no texto. Assim, a violência no Rio fica muito mais “horrível” ao vitimar inocentes turistas portugueses, em vez dos habituais (e, por isso, menos impactantes) massacres nas periferias cariocas de desfavorecidos suspeitos.

Os crimes voltados contra os visitantes turísticos estão normalmente relacionados ao tráfico e a pobreza, dois problemas estruturais do país, mas às vezes são acompanhados por outro catalisador: a sensualidade. Seja nos casos de inocentes estrangeiros seduzidos por golpes ou na prostituição declarada, essas reportagens insinuam

4 MOTTA, Sérgio Barreto. “Cresce a violência contra turistas no Rio”. *Diário de Notícias*. 21/11/2004.

que o turismo europeu não se resume à contemplação estética dos cenários brasileiros:

No bairro onde foi morto Alexandre Almeida há inúmeras boîtes. As primeiras versões que chegaram à polícia dão conta de que não existia qualquer correlação entre o português e os assassinos, pois o grupo teria feito disparos a esmo. O turista teve azar: estava no local errado à hora errada. Esta zona boémia da cidade é muito frequentada por homens que acertam programas com jovens prostitutas, chamadas «garotas de programa».⁵

Os portugueses não são só alvos da violência brasileira, mas também corresponsáveis (como no caso do turismo sexual) ou até mesmo seus perpetradores. Na semana anterior aos ataques aos turistas em novembro de 2004, uma portuguesa foi presa pela Interpol acusada de tráfico e rapto de menores de idade⁶. Reportagens como essa trazem outro estereótipo brasileiro cristalizado nas produções midiáticas: o país reduto de criminosos internacionais, definido por Amancio (2000: 104) como o “binômio Bandidos / Fuga da Justiça versus Impunidade / Busca do Prazer”.

Violência: choque entre a realidade dura e o imaginário sutil

Com esse enfoque, o comportamento desviante e indesejado não é a violência como um todo, mas a voltada particularmente contra os estrangeiros, dando considerável importância às relações de alteridade na construção dos papéis identitários de cada uma das nacionalidades: o turista (português) é a vítima e o brasileiro, o culpado – seja por cometer o crime (no caso dos assaltantes ou assassinos) ou por permitir sua perpetuação (caso das autoridades policiais brasileiras que falham em combater o crime ou, ao menos, garantir a segurança dos turistas).

Indiretamente, o desviante é representado pelo jornal como algo que não deve pertencer e sim ser eliminado do espaço público brasileiro, mesmo que nesse caso o local (brasileiro) seja o “outro”, “diferente” em relação ao estrangeiro (o turista). Isso ocorre devido à inversão de foco que reafirma a tendência já identificada na mídia portuguesa de representar estrangeiros em Portugal como criminosos ou vítimas (Ferin, 2007: 199): a representação ameaçadora do outro persiste quando se cruza as fronteiras e o português se vê como o “estrangeiro” em terras estranhas, mas continua a aplicar sua ferramenta cognitiva de representação do outro a partir de imagens identitárias ameaçadoras.

Assim, mesmo deslocado em um país que não é seu, o estrangeiro continua a definir, simbolicamente, o que deve ou não pertencer, o que pode ou não ser representado, e o que deve ser corrigido. A violência contra o turista não pode ser tolerada, e os textos respondem a esses eventos por meio de uma violência simbólica, que tenta anular ou corrigir o desviante violento. O primeiro passo para punir esse outro que resiste às regras (ou seja, o bandido que rouba o turista) é determinar e discriminar seu grupo de origem: como visto anteriormente, “Uma Carta do Rio de Janeiro” (Motta, 2004) aponta que é “em meio à pobreza que cresce o banditismo”, uma frase que identifica o bandido como o desfavorecido economicamente e abre espaço para a afirmação reversa, de que o pobre é também um bandido – ao menos em potencial, na suspeita dos turistas temerosos. Não só os miseráveis, mas também os desempregados (grupo que não se define por uma essência, mas por uma transitoriedade, um “estar sem emprego”) podem ser “atraídos pelo lado podre da sociedade”.

Como bem apontado por Sparks (2007: 148), não podemos dizer que a primazia do Estado em usar a dominação

5 MOTTA, Sérgio Barreto. “Turista português de 28 anos assassinado em Fortaleza”. *Diário de Notícias*. 03/11/2004.

6 MOTTA, Sérgio Barreto. “Actos de portuguesa confundem Polícia”. *Diário de Notícias*. 31/10/2004.

pelo uso legítimo da violência esteja erodida por outros atores privados que também busquem legitimar seu uso de força. Mas a violência simbólica também pode buscar ser vista como socialmente aceitável quando dirigida por meios de comunicação contra grupos sociais indesejados. Assim, grupos estigmatizados e reconhecidos como prejudiciais para a coletividade (como os migrantes “violentos” ou os pobres locais igualmente ameaçadores) podem ser alvos de campanhas difamatórias.

Por meio dessa violência simbólica, o outro deve ser domesticado (como o malandro “cordial”, tolerado como requinte exótico) ou excluído (como o “bandido” ou o “pivete” dos arrastões, que devem ser encarcerados) em resposta à ansiedade e o pânico causados pela sua inadequação, como apontado por Morley (2001: 432). Mas há ainda uma terceira via de sobrevivência do diferente: ser desejado e consumido como exótico, como a “libertinagem” própria do carnaval e a sensualidade das mulheres brasileiras.

Morley também aponta que, paralelamente à segregação de grupos em periferias urbanas, há também uma limitação da sua visibilidade e representação nos espaços midiáticos (Morley, 2001: 435). Isso explica a tendência, apontada por Ferin, de representar estrangeiros como criminosos ou vítimas no noticiário policial português, (Ferin, 2007: 199), além da valorização da sensualidade das mulheres brasileiras e da malandragem dos homens (*Id., ibid.*: 203). Traços complexos da identidade nacional são assim simplificados em estereótipos de fácil identificação pelo público e que se repetem nos artigos do correspondente do *Diário de Notícias*.

Nostalgia: a realidade que não se encaixa mais no modelo imaginário

As imagens iniciais de “Uma carta do Rio de Janeiro” (Motta, 2004) são saudosas do “verdeamarelismo”, definido por Chauí como a ideologia usada na construção da imagem turística do Brasil até os anos 1950, que propagava uma visão tradicional do Brasil como agrário e mestiço, fundado na tríade do café, carnaval e futebol. Nesse contexto, o “progresso” defendido pela classe brasileira dominante era representado no “otimismo da exaltação da Natureza e do ‘tipo nacional’ pacífico e ordeiro” (Chauí, 2007: 34).

Ecos contemporâneos desse imaginário ainda podem ser sentidos na construção de textos que buscam propagandear ou até mesmo criticar o turismo brasileiro. Esse é o caso da “Carta...” de Motta, pois retrata a “imagem romântica” que cercava a aura do Rio de Janeiro como uma “cidade de diversões, amores, uma certa libertinagem, muito carnaval e um pouco de pecado” (Motta, 2004). Estão presentes nesse artigo, ainda que sejam posteriormente colocados em segundo plano ante o avanço da pobreza e da violência, todos os ícones tradicionais que valorizam a cultura nacional brasileira: o carnaval, a música, a beleza natural das paisagens e até mesmo a sensualidade e a “cordialidade” do povo. A “cordialidade” aqui definida é uma simplificação bastante difundida do conceito que Sérgio Buarque de Holanda (2008) defendeu no livro “Raízes do Brasil”, e representa uma idealização idílica do brasileiro como amável, mas esquece a capacidade para emoções negativas, como ressaltado pelo próprio Holanda.

Essa nostalgia de uma época dourada, anterior à crise atual, retratada na imagem (pacífica, vale frisar) do Rio de Janeiro da bossa nova, pode ser definido como o “lamento do homem branco” (“*white man blues*”) discutido por Pratt (1992: 366). Como o *blues* dos negros, que cantam o banzo e a saudade de um tempo e lugar impossíveis de serem retornados, o “*blues* dos brancos” reclama e relembra os tempos em que dominavam (com menos resistência) suas colônias agora supostamente decadentes e degeneradas, o que fica evidente no “contraste entra estas visões grotescas e sem alegria das cidades e os panoramas encantadores” retratados no passado (Pratt, 1992:

360). Pratt também contrasta essas lamúrias nostálgicas com a “voz do turismo de massa”, que cria “fantasias atraentes e ideais de propaganda turística” que, nas décadas de 1960 e 1970 – como apontado anteriormente por Chauí (2007) – difundiram e mercantilizaram “visões exóticas de plenitude e paraíso” (Pratt, 1992: 360).

O paradoxo presente em textos como o de Motta é que é a visão do imigrante (o estrangeiro que veio de longe para usufruir do turismo, ou seu representante simbólico, o correspondente internacional que escreve sobre esse tema) que determina a inadequação de grupos locais, que não correspondem às imagens vendidas nas brochuras das agências de turismo. O dominante local (nesse caso, eurocêntrico) não se restringe a segregar o outro que migra para dentro de suas fronteiras (europeias), e também exclui indivíduos que “poluem” os cenários turísticos estrangeiros visitados internacionalmente, como os hotéis que lamentam a proximidade ameaçadora com favelas no final do texto de Motta. Essa contradição torna-se ainda mais complexa ao considerar que Motta é brasileiro, e não português, e assume parte do imaginário de seus leitores, reforçando-o. Apesar disso, por escrever para um público com valores eurocêntricos (e ao usar esses mesmos valores), age de forma ainda mais marcadamente “estrangeira”, em comparação com outros correspondentes de outras nacionalidades (Paganotti, 2007a).

Assim como Morley, Wieviorka aponta que quando o outro se torna uma ameaça para a cultura majoritária, é representado como algo que não pode ser integrado ao sistema e passa a ser segregado, mantido à distância, expulso ou destruído (Wieviorka, 1998: 71). Uma das estratégias violentas para preservar elementos míticos atualmente desintegrados é, segundo o autor, o racismo (*Id., ibid.*: 71) – não muito distante da violenta discriminação, presente no texto de Motta, das parcelas mais pobres ou dos grupos desempregados.

Conclusão: impossível retorno ao passado e difícil controle do presente

Ao definir a subjetividade contemporânea como diaspórica, Davis afirma que a nostalgia é infrutífera: “não há verdade, nenhum sujeito, nenhum objeto de desejo, nenhuma terra natal que foi antes possuída e para a qual podemos ter esperança de retornar” (Davis, 2006: 339). Como uma semente que germina longe da árvore e não pode retornar ao seu espaço de origem, não é possível reverter o rio do tempo para eras passadas em que a sensação de segurança, homogeneidade e pureza de símbolos nacionais – como as já analisadas “diversões, amores, uma certa libertinagem, muito carnaval” (Motta, 2004) – eram protegidas por estratégias de segregação e controle já ineficientes e (urge acrescentar, felizmente) inaceitáveis. Não é mais possível dosar “um pouco de pecado” (*Id., ibid.*), já que a fronteira entre os morros e o asfalto, entre as favelas e os hotéis na orla carioca, tornam-se cada vez mais porosas geograficamente. Ainda resta, para os representantes dos impérios expulsos do paraíso (como os correspondentes internacionais e, particularmente, os representantes das antigas metrópoles que agora contemplam, com certo dissabor, o gigante que se ergue de suas ex-colônias), marcar simbolicamente essas fronteiras entre o que consideram indesejado ou valoroso, ou seja, segregar simbolicamente o que já é periférico espacialmente (Morley, 2001: 435), usando cadeias de significado ideológico como campo de batalha de lutas sociais (Hall, 2003: 182). Para isso, podem evitar contato com o diferente – como os britânicos brancos que desligam a TV ao ver negros, numa forma simbólica de Apartheid (Morley, 2001: 439) – ou condená-lo como inadequado – como a violência simbólica perpetuada pelo correspondente do *Diário de Notícias* contra o banditismo que cresce “em meio à pobreza” brasileira (Motta, 2004).

Sétimo diário português em tiragem⁷, o *Diário de Notícias* passou por recente reformulação que reduziu

7 Dados do 1º Trim./2010 da Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (APCT).

o tamanho dos textos para ampliar seu público. “Eu sempre escrevo mais”, justifica o correspondente Sérgio Barreto Motta, “mas eles cortam minhas matérias, eu mando 40 linhas e eles publicam 20”⁸. Como já advertia o antropólogo e especialista em correspondentes internacionais Ulf Hannerz (2004: 124), quanto menor o espaço, maior a tendência para a simplificação e a utilização de pré-concepções que ecoem as visões de mundo pré-existentes do seu público. A contestação de preconceitos e a abertura para novas visões de mundo – assim como a construção de imagens sobre identidades nacionais de outros povos – exige não somente tempo para sua absorção, mas também espaço para sua exposição e debate na mídia. Isso não decreta a separação necessária entre a síntese e a sofisticação, nem significa que a verborragia leve necessariamente à maior complexidade. Mas percebe-se o grande desafio ao tentar refletir, em um espaço tão reduzido quanto fértil para a construção de sentidos, sobre a aura de “diversões, amores, uma certa libertinagem, muito carnaval e um pouco de pecado” (Motta, 2004) presente em um país, a partir do ponto de vista formado para (ou pelos) estrangeiros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMANCIO, Tunico. **O Brasil dos gringos: imagens no cinema**. Niterói: Intertexto, 2000.
- BURKE, Peter. “Os turistas aprendizes”. **Folha de S. Paulo**, 17/12/2006. Caderno Mais! p.12.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta ao Rei Dom Manuel**. Belo Horizonte: Crisálida, 2002.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’áquém e d’álem mar: Percursos e Gêneros do Jornalismo português e brasileiro**. Santarém (Portugal): Edições Jortejo, 2000.
- CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.
- CHEWYND, Gareth. “Email”. **The Guardian**, 15/03/2005.
- FERIN, Isabel. “Identidade e reconhecimento nos media”. **MATRIZES**, São Paulo, n. 1 / 2o semestre de 2007, pp. 187-208.
- DAVIS, Colin. “Diasporic Subjectivities”. **French Cultural Studies**, n. 17 / 2006, pp. 335-348.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Language and Power**. London: Longman, 1992.
- GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **A Primeira História do Brasil: história da província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; 2004.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. **Da diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG, 2003.
- HANNERZ, Ulf. **Foreign News: exploring the world of foreign correspondents**. Chicago: The University of Chicago Press, 2004.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- _____. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- HUE, Sheila Moura (org). **Primeiras cartas do Brasil: 1551-1555**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

Disponível em http://www.apct.pt/analisesimples_00.aspx?publicacaosegmentoid=2&segselecionado=10

8 Entrevista de Sérgio Barreto Motta, correspondente do *Diário de Notícias* de Portugal, em 11/05/2007. Ele complementa: “O jornal, há uns quatro ou cinco anos, deu uma reduzida grande. É o que a gente chama de fenômeno *USA Today*, que reduziu os textos, e é o maior sucesso.”

MORLEY, David. "Belongings: Place, space and identity in a mediated world". **European Journal of Cultural Studies** 2001, n. 4, pp. 425-448.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

MOTTA, Sérgio Barreto. "Uma carta do Rio de Janeiro". *Diário de Notícias*. 28/11/2004. Disponível em http://www.dn.pt/Inicio/interior.aspx?content_id=590921&page=-1 Acesso em 28/01/2013.

PAGANOTTI, Ivan. "**Uma certa libertinagem, muito carnaval e um pouco de pecado**": **O Brasil dos correspondentes internacionais** [Trabalho de conclusão de curso de Comunicação Social - Jornalismo]. São Paulo: ECA-USP, 2007a.

_____. Imagens e estereótipos do Brasil em reportagens de correspondentes internacionais. **Revista Rumores**, São Paulo, n. 1 / 2007b.

_____. "Imagens do Brasil turístico nas páginas do New York Times". **Pensamento & Realidade**, São Paulo, n. 24 / 2009, pp. 47-64.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Bauru (SP): EDUSC, 1992.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil 2: De Calmon a Bomfim – a favor do Brasil: direita ou esquerda?** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

_____. **As identidades do Brasil 1: De Varnhagen a FHC**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

SPARKS, Colin. "What's wrong with globalization?". **Global Media and Communication**, n. 3 / 2007, pp. 133-154.

WIEVIORKA, Michel. "Racism and Diasporas". **Thesis Eleven** n. 52 / 1998 pp.